

**Sessão das Moças: sociabilidades por escrito**

Alexandre Sardá Vieira\*

Resumo: Entre 1943 e 1962, a Sessão das Moças figurava no calendário de lazer da juventude florianopolitana. Misto de construtora de redes de sociabilidades e espaço educativo, as sessões exibiam representações de ser, sentir e agir esperadas das jovens mulheres da capital catarinense do período. Após o término da sessão, várias crônicas, poemas e contos começaram a ser escritos em Florianópolis sobre a prática de ir a Sessão das Moças, apresentando representações diversas sobre as redes de sociabilidades tecidas às portas do cinema. Esses escritos credenciavam a sessão a estar entre os elementos que a cidade de Florianópolis não poderia esquecer.

Palavras-chave: Sessão das Moças. Crônicas. Cinema. Sociabilidades cinematográficas.

Abstract: Between 1943 and 1962, the Sessão das Moças featured in the calendar of youth leisure in Florianópolis. The sessions were a mix of social networks construction and educational space, and they showed representations of being, feeling and action expected of young women in the capital of Santa Catarina. After the session, several chronicles, poems and short stories began to be written in Florianópolis about the practice of going to the Sessão das Moças, presenting on various representations of social networks made at the doors of the movies. These writings credence to the session to be among the elements that the city of Florianopolis could not forget.

Key-words: Sessão das moças. Chronicle. Cinema. Film sociability.

Em uma de suas crônicas, Raul Caldas Filho elencou diversos elementos característicos de Florianópolis:

Cinquenta mil habitantes. Tempo de guerra. Escuridão. Vento sul. Bar e restaurante Pérola. Nereu. **Sessão das Moças**. Footing na Felipe Schmidt. A banca do Beck. Bela Vista. A Deusa de Jobá. Estampa Eucalol. Blackout. Gooool do Avaí. Radio Guarujá. Missa das dez. Emulsão de Scott. Prezado conterrâneo. Hotel Laporta. O ESTADO. Juiz ladrão. Stepô. Nazismo. A cobra fumando. Capitoa. Gentil senhorinha. É tão curtinho, coladinho,

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor do Campus São José do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. E-mail: <alesarda@hotmail.com>.

avantajado que me deixa abafado. Amar foi a minha ruína. Confissões com o padre Werner. Missa e comunhão. [...] Missa do Galo. D. Antonieta de Barros. A empada do Chiquinho. **Sessão das Moças**. Carro Alegórico. Osni Ortiga. Carro da Praça. Adolfinho. Saído do Hoepcke (O navio). Comandante Vecchietti. Tem gato na Tuba. Fanfara da industrial. Roy Rogers. Bala uva do norte. 29 morrem no Cambirela. Comícios. Voltem na próxima semana. [grifos meus]<sup>1</sup>

A crônica acima foi publicada no jornal “O Estado” em 01 de agosto de 1973, mais de dez anos após a última Sessão das Moças<sup>2</sup>. Misto de crônica e relato memorialístico, o texto evidenciava os elementos que para o autor qualificariam a cidade de Florianópolis na década de 1940. A Sessão das Moças é o sétimo elemento elencado, muito antes da sala de cinema que a acolhia, que apenas aparece na metade do texto. Em suas últimas linhas, a sessão é novamente citada. A repetição pode ter sido fruto da distração do autor, preocupação em não esquecer-la ou intenção de reforçar sua importância. Levantar a causa de tal fato não é, aqui, o foco. Mas é interessante perceber que o único elemento que se repete ao longo da crônica no texto publicado no jornal e mantido na coletânea de 1980 é a sessão.

Com ingressos mais baratos para as mulheres, a sessão acontecia no Cine Ritz, localizado no centro de Florianópolis, logo atrás da Catedral Metropolitana. Esta sala de cinema foi inaugurada em 15 de abril de 1943 com a exibição do filme “As recordações favoritas de Lydia”<sup>3</sup> e, duas semanas depois, em 27 de abril, já acontecia a primeira Sessão das Moças, com a apresentação do filme “Argélia”<sup>4</sup>. As primeiras sessões aconteciam no começo da noite, geralmente as 19 ou 20 horas, mas já no clássico dia de terça-feira.

Prática cultural nascida nos anos 1940, a Sessão das Moças, do Cine Ritz, aparece em diversas crônicas da cidade abafando a existência de outras similares. Apesar de sessões semelhantes terem acontecido em diversos cinemas da cidade e do país e por quase todo o período ter ocorrido concomitantemente e com os mesmos filmes também no Cine Roxy, os relatos memorialísticos escritos na cidade parecem desconhecer qualquer outra sessão de cinema dedicada às mulheres em Florianópolis ou não dar importância a elas. O próprio Cine Rex, cinema que cedeu seu espaço para o Cine Ritz, já possuía a sua “Matinée das Moças” no final da década de 1930. Isso confere à Sessão das Moças significados simbólicos que não passam apenas pela questão dos filmes e das temáticas neles representadas, mas também da

---

<sup>1</sup> CALDAS FILHO, Raul. Desterro Década de 40 (Só para os nostálgicos e iniciados). In: \_\_\_\_\_. *Delirante Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1980, p. 51.

<sup>2</sup> O último filme anunciado como programação da Sessão das Moças é *Sinfonia de Amor*, em 11 de dezembro de 1962. A partir desta data não se encontra mais nenhuma referência à sessão nas programações de cinema publicadas nos jornais de Florianópolis.

<sup>3</sup> RITZ. Inauguração Hoje. *A Gazeta*, Florianópolis, 14 abr. 1943, n. 2742, p. 3.

<sup>4</sup> SESSÃO das Moças. *A Gazeta*, Florianópolis, 27 abr. 1945, p. 3.

própria sessão em si e das práticas sociais que a circundavam. Práticas essas que se tonaram temas recorrentes nas crônicas escritas na Ilha.

As crônicas apresentam uma cidade cujos cinemas tinham características diferentes. A audiência parecia ser diversa e cada sala abarcava um nicho diferente no que se refere à sétima arte. No poema “Cinemas”, que acaba se confundindo com o gênero crônica, Sebastião Ramos<sup>5</sup> faz uma descrição dos cinemas da capital e relaciona cada um deles à diferentes sessões.

[...]  
Cine Imperial – império de emoções  
Entre a João Pinto e o mar.  
[...]  
Tardes de domingo no Cine Odeon  
Sessões duplas.  
Sessão de tarde inteira, filmes variados,  
Dois filmes, seriados, curtas metragens.  
[...]  
Terças-feiras no Cine Ritz: Sessão das Moças.  
Superlotado. Metade do preço.  
Mocidade namoradeira. [...]<sup>6</sup>

Sérgio da Costa Ramos<sup>7</sup>, em crônica publicada pelo jornal “Diário Catarinense” em 2003, denuncia essa setorização da cidade. Missas, sessões de cinema, partidos políticos e jornais eram endereçados a grupos diferentes da sociedade florianopolitana. A crônica tem o título de “Em duplas” e demonstra a construção social da cidade do duplo, elementos que se complementavam ou que rivalizam entre si. Para o autor, o centro da divisão da cidade eram os partidos políticos.

O mundo dual de Floripa se nutria da grande “matriz” dos partidos políticos. O PSD dançava no Clube Doze, tomava café no Bar Rosa, torcia nos gramados pelo Avaí e nas raias pelo Martinelli. A UDN valsava no Lira, tomava a rubiácea no Bar do Quidoca, bramava nos estádios pelo Figueirense e, nas águas da baía Sul, exaltava-se pelo Aldo Luz. E se o PSD lia O Estado, a UDN usava-o para embrulhar tainha, lendo A Gazeta ou o Diário da Tarde.<sup>8</sup>

O lazer para Ramos também era construído duplamente. Os cinemas não escapavam dessa divisão que incluía setorizações por tipos de filme e por classes sociais.

Entre as casas de cinema, São José e Ritz polarizavam a frequência da geração “Coca-Cola”, de meados dos anos 50 em diante. Já o Roxy e o

<sup>5</sup> Sebastião Ramos é definido em sua obra como um poeta por vocação. Seu livro é uma coletânea de poemas que versam sobre memórias da cidade e de sua vida.

<sup>6</sup> RAMOS, Sebastião. Cinemas. In: \_\_\_\_\_. *No tempo do Miramar*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993, p. 11.

<sup>7</sup> Sérgio da Costa Ramos é escritor e jornalista, integrante de uma família que já foi muito influente na cidade. Publica, ainda hoje, crônicas em jornal e blog.

<sup>8</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. Em Duplas. *Diário Catarinense*. Caderno Variedades, Florianópolis, 24 maio 2003, p. 4.

Odeon atraíram, a seu tempo, os cinéfilos mais antigos, homiziados nos anos 40, tempos em que a capital viveu dias de “blackout”, por conta dos “ensaios” da guerra e da “ameaça de submarinos nazistas”.<sup>9</sup>

Ao fim da crônica, Sérgio da Costa Ramos aponta para o que ele considera as maiores duplas da cidade:

Avaí e Figueirense (Paula Ramos). Aldo Luz e Martinelli (Riachuelo). Lira e Doze. Protegidos e Copa Lord. Granadeiros e Tenentes do Diabo (Vai ou Racha). Colégio Catarinense e Coração de Jesus (Instituto Estadual de Educação). Buffet do Manolo e do Eduardinho Rosa. Cristal e Meu Cantinho. Café Rio Branco e Café Nacional. Bar Universal e Bar Alvorada. Hotel Querência e Lux Hotel. Restaurantes Pérola e Estrela. Café Otto e café Amélia. Farmácia Catarinense e Farmácia Noturna. Loja Miscelânea e Casa América. A Exposição e A Modelar. Chiquinho e Soberana (Empório Rosa). Friamberia Koerich e Friamberia Kretzer. Sorveteria do Barão e da Cocota. Casa Moelmann e Casa Meyer. Churrascaria Riosulende e Lindacap. Bancos Inco e Nacional do Comércio. Associação Coral e Coral da UFSC. Job e Adolfo. Nega Tita e Pandorga. Dico e Nezinho.<sup>10</sup>

Longe de tentar perceber a representação das dualidades apresentadas, verificar veracidades ou recusar tal construção torna-se interessante pensar o endereçamento das salas de cinema e das suas sessões a públicos específicos. Sérgio da Costa Ramos parece, por vezes, engessar elementos do cotidiano florianopolitano a apenas duas possibilidades a fim de valorizar a sua tese das duplas, sem levar em conta as táticas cotidianas.<sup>11</sup> A complexa programação cinematográfica da cidade de Florianópolis das décadas de 1940 e 1950 pode ser compreendida como inserida em uma rede que integrava as características da exibição de filmes do período com elementos de uma cidade que se construía em setores. Torcer por um time específico ou assistir à missa na Catedral, em determinado horário, indicava posições e credenciamentos sociais.

Os nomes das sessões indicavam a existência de protocolos de frequência. A Sessão das Moças estava endereçada às mulheres, ou melhor, às “senhoras ou senhoritas” como indicado nos anúncios, que pagavam menos da metade dos valores cobrados aos homens pelo ingresso. Outras sessões tinham como público alvo diferentes parcelas da sociedade florianopolitana. A título de exemplo, tinha-se ao longo do mês de abril de 1950 as seguintes sessões, segundo a programação de “A Gazeta”: as terças-feiras, Sessão das Moças no Ritz, Odeon e Roxy; às quintas-feiras, Sessões Chics no Ritz; aos domingos, Matines e Sessões

---

<sup>9</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. Em Duplas. *Diário Catarinense*. Caderno Variedades, Florianópolis, 24 maio 2003, p. 4.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Para Michel de Certeau as ações cotidianas podem ser do tipo estratégia ou tática. As do primeiro tipo dizem respeito ao local do poder, a institucionalização, às normas e regras. As táticas seriam respostas às condições proporcionadas pelas estratégias, o lugar do outro, do definido, do calculado. Ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. As artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 97-102.

Elegantes no Ritz e Odeon; além de uma Vespéral das Moças também no Odeon. No entanto, ocorreram concomitante ao período de duração da Sessão das Moças, sessões populares, sessões operárias, matinadas, sessões duplas, seriados, entre tantas outras.

Para cada sessão, um público esperado. Cada público com suas particularidades, hábitos e rituais próprios. A utilização dos meios de comunicação de massa ou dos *media* pressupõe ritualização.<sup>12</sup> Essa ritualização, no caso da Sessão as Moças e das narrativas encontradas nas crônicas, reflete práticas de sociabilidades. A sessão estaria tecida duplamente por fios que identificariam os filmes nela exibido e por outros relacionados às práticas sociais. Os filmes, que a princípio parecem compreender a razão de ser de qualquer sessão de cinema, nas crônicas escritas pelos seus antigos frequentadores não são assim apresentados, não eram os verdadeiros protagonistas.

O já citado poema de Sebastião Ramos é o mais completo no sentido de relatar explicitamente práticas sociais que envolviam a sessão:

Acabava a sessão das moças,  
Sessão esvaziada.  
Todos iam para o “footing”,  
O “footing” da Felipe Schmidt.

Moças bem vestidas, passeando em pares,  
Para lá e para cá.  
Formigas matraqueiras, cochichadeiras,  
Risonhas, disfarçadas, flertando e flertadas.  
Os rapazes, sentinelas ao largo,  
Conquistadores, impulsivos, disputados.  
Conquistas conquistadas.  
Início de namoro, aliança de noivado –  
Casamento.

Na calçada do palácio, outro “footing”,  
Só de pretos.  
Nada de mistura.  
Branco é branco, preto é preto.  
Cordialidade e respeito.  
Eles lá e nós cá.<sup>13</sup>

O *footing* no poema parece ser o principal elemento das redes de sociabilidade da Sessão das Moças.<sup>14</sup> Ele se constituía em passeios a pé pelas calçadas da cidade com o objetivo de observar o que acontecia na cidade, para ver pessoas e ser visto/a por elas. Em boa

<sup>12</sup> SORLIN, Pierre. *Mass Media*. Oeiras: Celta, 1997, p. 13.

<sup>13</sup> RAMOS, Sebastião. Cinemas. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., p. 11- 12.

<sup>14</sup> Ao tratar da história dos intelectuais, Jean-François Sirinelli afirma que redes são estruturas nas quais laços são desenvolvidos em torno de um núcleo central. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 248. O Cine Ritz seria o núcleo aglutinador de várias práticas de sociabilidades aqui descritas.

parte das vezes, a atividade objetivava paqueras. O *footing* não é o mesmo tipo de atividade realizada pelo *flâneur*. Para esse último, as atividades românticas não são o objetivo de sua caminhada errática e observadora da cidade.<sup>15</sup>

As caminhadas eram realizadas na saída do cinema em direção ao centro comercial da cidade. Para Sebastião Ramos, o *footing* teria o mesmo objetivo de boa parte das tramas dos filmes: o casamento. A sua poesia nos leva a pensar em uma prática de sociabilidade voltada para as atividades romântico-amorosas. Flertes, namoros, noivados e casamentos podem ser o resumo da maioria dos filmes da Sessão das Moças, o que me leva a pensar em um cruzamento da linguagem da tela com a linguagem dos passos. A construção de um imaginário romântico se manteve, mesmo após o fim da sessão, nas crônicas da cidade.

Esta atividade não era uma ação livre e despojada de regras sociais. Ela compreendia uma rede de práticas que agregavam lazer e exposição, diversão e visibilidade. Além disso, havia protocolos de raça e gênero. Mulheres e homens desempenhavam diferentes papéis na caminhada, representando, segundo o poema de Sebastião Ramos, um jogo de predadores e presas. Não levando em conta méritos valorativos, pode se perceber no poema a indicação de espaços diferentes no que diz respeito à raça. O ato de caminhar representa, dessa forma, elementos de legibilidade urbana, enunciando discursos por meio de passos capazes de construir sistemas urbanos. O percurso exhibe uma retórica que define normas e fenômenos sociais.<sup>16</sup> Dessa forma, pensar a enunciação discursiva dos passos como construtora de um espaço e de práticas sociais é considerar uma atividade marcada por posições e papéis de raça e gênero, produtores e produtos da prática social.

Em uma crônica chamada “Footing”, Hoyêdo de Gouvêa Lins<sup>17</sup> se questiona sobre a inexistência da prática nos dias de hoje e assim apresenta a atividade:

Para quem não esteve naquele palco é preciso explicar que o **footing** consistia numa aglomeração disciplinada de marmanjos postados em fila dupla, assim como num corredor polonês, mas com intenções pacíficas. Pelo corredor desfilavam as moças, em duplas ou em três, por vezes eram quatro garotas. Jamais sozinhas. Sempre de braços dados. E era esse desfilar a demonstração das atitudes e dos gestos que significavam, do ponto de vista dinâmico, digamos assim, o fazer o **footing**. Desfilar que incluía exibir a última moda nos trajes e nos penteados femininos, evolvar o perfume em voga, tudo para o elogio das boas amigas, ou para a crítica das outras **amigas** e, é claro, para a admiração masculina. Pois, sem os espectadores, isto é, os homens de várias idades postados em carreira dupla, o *footing* não existiria.

<sup>15</sup> Ver: BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin: Sociologia*. Rio de Janeiro: Ática, 1985, p. 38-40.

<sup>16</sup> CERTEAU, op. cit., p. 179-182.

<sup>17</sup> Autor de diversos contos sobre a cidade de Florianópolis, Hoyêdo de Gouvêa Lins é membro da Academia Catarinense de Letras. Nasceu em 07 de outubro de 1929.

As moças desfilavam, quer dizer: tinham que ter assistência. [grifos do autor]<sup>18</sup>

Lins expõe o papel de homens e mulheres no *footing*. Elas se exibiam para os rapazes, os quais ocupavam o papel de admiradores. Ainda assim não era uma sessão de entrega ou de oferecimento a esses rapazes, a sedução passava por gestos, perfumes e roupas. As moças precisavam do acompanhamento umas das outras e os braços dados indicavam uma companhia existente, a das próprias amigas.

Mary Del Priore apresenta o *footing* ilhéu ao lado dos que aconteciam em Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre. A autora descreve a atividade como um elemento do namoro de meados do século XX.<sup>19</sup> Apesar de fazer parte das práticas de uma geração de homens e mulheres, o *footing* de Florianópolis tinha suas características locais. No caso do acontecido às terças-feiras pós Sessão das Moças, ele compreendia um complemento a um acontecimento cultural inserido no calendário de lazer da cidade. Ele não estava descolado do ato de assistir ao filme, era parte de um todo.

Sérgio da Costa Ramos na crônica “Namorar” também salienta a importância do *footing* para o romance. O autor apresenta os cinemas como espaços próprios para os encontros, ou, nas suas palavras, para o *rendez-vous*.<sup>20</sup> O texto trata das formas de se enamorar na década de 1960. Para Ramos, o namoro daquela época era algo comportado e levava até três sessões de cinema para que um ingênuo beijo acontecesse, geralmente nas poltronas do luxuoso Cine São José. As meninas precisavam ser respeitadas para que não fossem consideradas “pouco sérias”. O autor contextualiza sua crônica com elementos da elite florianopolitana, como o pátio do Colégio Coração de Jesus. Se o autor, um dos membros dessa elite, fosse visto com “mão nos ‘hemisférios’, Norte ou Sul” era o indicativo que aquela garota não era a sua namorada e sim uma “sirigaita estouvada”.<sup>21</sup>

Para esportes mais emocionantes, escolhiam-se parceiras de outro estrato social, entre as heróicas empregadas domésticas, “iniciadoras” de muito adolescente. Ou as garotas mais velhas e vividas, cuja vida já rumava para certa independência desafiadora ou para a mais antiga das profissões.<sup>22</sup>

Nesse período em que a Sessão das Moças já havia perdido seu apelo, apesar de resistir como a última sessão batizada entre as clássicas existentes nas décadas de 1940 e 1950, o Cine Ritz das terças-feiras era um espaço ideal, segundo Ramos, para levar as

<sup>18</sup> LINS, Hoyedo de Gouvêa. *Footing*. In: \_\_\_\_\_. *Janela do tempo*. Florianópolis: Lunardelli, 1993, p. 77.

<sup>19</sup> PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 277.

<sup>20</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Namorar*. In: \_\_\_\_\_. *Piloto de berrunça*. Florianópolis: Bernúncia/Academia Catarinense de Letras, 2009, p. 49-50.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 49-50.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 50.

amantes sem despertarem suspeitas das namoradas oficiais. Ainda sobre o que faziam com essas moças de classe social mais baixa que a dele, diz o autor que:

Era outro tipo de “namoro”: os carinhos eram mais atrevidos e muito mais rápidos, ocorriam logo ao primeiro encontro, num parque de diversões, ao som brega de *Boneca cobijada*. Ou num cinema de menor afluência, como o Roxy e o Ritz – este um rendez-vous perfeito para os encontros da espécie, na sua não menos afamada Sessão das Moças, sempre às terças.<sup>23</sup>

Com o final da sessão, os amantes disfarçavam a sua condição, ainda que praticassem o *footing*. O casal, ainda segundo Ramos, não poderia se falar e as garotas sonhavam em se tornar as namoradas oficiais.

À saída, os galantes rapazes do “namoro extra” alinhavam-se na calçada do Palácio, encostados ali pelo Empório Rosa e pela Record, lojas de discos. As “namoradinhas” desciam pela calçada oposta, a da Praça XV, “para não dar na vista”. Os comentários entre “as outras” e entre os “namoradores” eram inaceitáveis. Uns fazendo o “balanço” de suas presas, as outras sonhando com o namoro.<sup>24</sup>

Essa foi a única imagem desse tipo de encontro presente nas crônicas. Um elemento comum que de alguma forma atravessa as crônicas é a percepção dos autores como sujeitos das atividades das terças-feiras. Flávio José Cardozo<sup>25</sup>, em uma bela crônica chamada “Éramos artistas”, descreve o que ele considera dois importantes eventos da cidade do final dos anos 1950. Um seria a sessão das oito do Cine São José e o outro, a Sessão das Moças do Cine Ritz. Enquanto o primeiro seria o lugar do luxo, do perfume e da exibição de roupas bonitas, o segundo seria simples. Para o autor em ambas as sessões o filme era apenas um detalhe, as sociabilidades construídas ao redor do cinema é que interessavam. Após fazer uma pesquisa nos jornais arquivados na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina para ver o que era exibido nas duas sessões no final dos anos 1950, o autor aponta para práticas de sociabilidades de ambas:

Mas não era bem para ver os filmes que íamos aos domingos no São José. Se o filme fosse bom, melhor; se não fosse, não tinha importância, todos desculpavam. Interessava mesmo era viver a magia daquele fecho de ouro da semana. [...] A sessão das oito do São José prolongava as doçuras do domingo até mais tarde. Só depois dela, e de mais uma meia hora de *footing* na Praça Quinze, é que as beldades e os galãs enfim se recolhiam. Beldades e galãs... Era isso mesmo. A rapaziada caprichava para ir ao São José – na

<sup>23</sup> RAMOS, op. cit., 2009, p. 50.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Segundo o site *Um dedo de prosa*, “Flávio José Cardozo nasceu em Lauro Muller, na região carbonífera de Santa Catarina, em 1938. Estudou na terra natal, em Turvo, Tubarão, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Frequentou o Curso de Jornalismo da PUC-RS. Trabalhou vários anos no Departamento Editorial da Editora Globo de Porto Alegre, na Imprensa Oficial de Santa Catarina e na Fundação Catarinense de Cultura.” Ver: UM DEDO DE PROSA. Disponível em: <<http://www.umedodeprosa.cce.ufsc.br/paginas/autor.php?id=29#>>. Acesso em: 01 out. 2010.

condição de melhor cinema do Estado, ele exigia o uso do paletó, por mais calor que fizesse – e as mulheres transformavam a sessão na sua melhor passarela. Ditosos olhos meus de então que vistes nas filas e na platéia do São José, com alguma timidez, as mulheres certamente mais elegantes e lindas do planeta Terra!<sup>26</sup>

Se a sessão das oito do cine São José é lembrada por Flávio José Cardozo como elegante e refinada, seus escritos sobre a Sessão das Moças destacam a sua simplicidade, bem como a ausência às aulas para acompanhar os filmes das terças-feiras.

Bem mais simples e sem luxo era a sessão das Moças do Ritz. As garotas acorriam de todas as bandas da cidade e pagavam só meia entrada. Por muitas razões um estudante matava as aulas do “Dias Velho”, mas nenhuma era tão sincera, determinante e digna de perdão como a Sessão das Moças. Os filmes? Ah, sim, havia filmes. Verifiquei nos jornais que passavam coisas como *Eu e meu anjo*, com James Mason e Lucille Ball; *Império da espada*, com Cornel Wilde e Jean Wallace; *Serenata em Acapulco*, com uns tais de Roberto Romana e Martha Roth; *A maldição do faraó*, com um certo Mark Dana e uma certa Ziva Shapir. Os filmes... que importavam os filmes se éramos nós os artistas?<sup>27</sup>

A última frase de Cardozo reflete a ideia que perpassava a maioria das crônicas, que o vivido às portas, em frente ou ao redor da sala de cinema era tão ou mais importante que os próprios filmes. A ritualização no ato de ir ao cinema parece evidenciada. Assim, assistir ao filme é apenas uma parte a mais de um longo processo que se iniciou muito antes, com a escolha do filme no jornal, ou da ida à sessão como hábito, passando por trocas de roupa, uso de perfumes, do contato com amigos e amigas, da compra dos doces, do *footing* e do retorno à casa. Ao salientar os rituais, os autores, e em especial Cardozo, parecem perceber a sua importância como protagonistas da Sessão das Moças.

Aspectos de sociabilidade aparecem em um texto de outro gênero literário: o conto. Maura Soares publicou “Matou o amante e foi ao cinema” na Antologia Online de Contos Fantásticos, posteriormente editado em forma de livro pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores. A autora, uma supervisora escolar aposentada, nascida no mesmo ano que a Sessão das Moças, apresenta Geraldine, uma fã incondicional de cinema. O texto de Maura Soares salienta diversos aspectos de sociabilidades da Sessão das Moças, entrelaçando elementos da tela e da vida cotidiana.

O conto versa sobre Geraldine, datilógrafa que se orgulhava de ter o mesmo nome da filha de Charles Chaplin e que por influência do pai, tinha o hábito de ir sempre ao cinema. Mesmo não estando à procura de marido, conhece um rapaz na Sessão das Moças com o qual

<sup>26</sup> CARDOZO, Flávio José. Éramos Artistas. In: \_\_\_\_\_. *Senhora do meu Desterro*. Florianópolis: Lunardelli/Fundação Franklin Cascaes, 1991, p. 64-65.

<sup>27</sup> *Ibid*, p. 65.

vem a se casar. Quando questionada, proibida de ir ao cinema e com sua coleção de recortes sobre os astros destruída, Geraldine mata o marido e vai ao cinema.

Há no conto um atrativo maior pelos filmes do que pela sociabilidade como visto nas crônicas. Os filmes são objeto de conversas de Geraldine em seu escritório, estrategicamente próximo ao Cine Ritz.

A sessão das moças, às terças-feiras eram imperdíveis, com aqueles filmes açucarados, os musicais da Metro com Doris Day, Gene Kelly, Debbie Reynolds, Fred Astaire... Adorava. No escritório, no outro dia, sempre que tinha folga puxava conversa com as amigas e o assunto primeiro era cinema.<sup>28</sup>

A relação entre Geraldine e os astros de cinema é um dos focos do conto. Diferente de Flávio José Cardozo que se considerava um artista ao vivenciar todas as práticas que envolviam a sessão, para Geraldine a relação imaginária com os artistas da tela a faziam esquecer-se dos homens do seu cotidiano.

Valdirene [amiga da personagem principal] também gostava muito de Geraldine e procurava entre os amigos de Otávio [marido de Valdirene], alguém para fisgar o coração solitário da amiga. “Deixa, Val, eu tenho Errol Flynn, Robert Taylor, Rock Hudson. Eles me amparam”.<sup>29</sup>

A personagem principal colecionava fotos, reportagens e revistas sobre os astros. Mesmo casada, Geraldine não deixou de ir a Sessão das Moças, o que irritava muito seu marido. O álbum de recortes foi o alvo da fúria do marido quando esse perde o emprego e bate na esposa por ela não desistir de frequentar as sessões das terças-feiras.

No retorno, encontrou o apartamento bagunçado. Por vingança, Alberto havia destruído o álbum de recorte, as fotos de Rock Hudson (mais de uma) todas rasgadas, as revistas sem capa, enfim, uma bagunça total. [...] Assim Alberto fez, certo de que sua atitude tinha revelado que quem mandava em casa era ele. Ouvindo o rádio e com efeito das cervejas do almoço e resquícios do porre da noite anterior, Alberto adormeceu. Para nunca mais acordar. Geraldine, sem dó nem piedade, cravou-lhe um punhal no peito que foi fatal. Geraldine observou o corpo sem vida do amante, mas não se abalou. Arrumou-se calmamente, fechou o apê e saiu. Afinal, era dia de sessão das moças e Marlene Dietrich estaria brilhando na tela em Testemunha de Acusação. Depois viria o que fazer com o corpo.<sup>30</sup>

Geraldine teria matado seu marido e partido ao encontro do único universo ao qual se sentia confortável, o cinema. Para quem tinha o amparo de Errol Flynn, Robert Taylor e Rock Hudson, deveria ser difícil o relacionamento com um desempregado, bêbado e ciumento. A personagem criada por Maura Soares parece corresponder a já citada simplicidade da Sessão

---

<sup>28</sup> SOARES, Maura. *Matou o amante e foi ao cinema*. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/contosfantasticos10.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Ibidem.

das Moças, o que sutilmente deixa transparecer nos textos e me faz acreditar que a Sessão das Moças não era frequentada ou direcionada a todas as mulheres da sociedade florianopolitana. As “mulheres certamente mais elegantes e lindas do planeta Terra” mencionadas por Flávio José Cardozo possivelmente não eram as mesmas da “bem mais simples e sem luxo” Sessão das Moças. Ao mesmo tempo, a relação entre o tempo em que as crônicas relatam, geralmente os anos 1950, se diferencia do tipo de audiência, ou melhor, de mulheres apresentadas nas crônicas e textos que retratam os anos 1960, como as amantes de Sérgio da Costa Ramos.

A trabalhadora Geraldine pouco parece ter a ver com as “formigas matraqueiras, cochichadeiras, risonhas, disfarçadas” apresentadas no poema de Sebastião Ramos. Para ele as frequentadoras seriam o alvo da conquista, a finalidade maior da frequência masculina da Sessão das Moças. As moças namoradeiras também se distanciam muito das mulheres apresentadas por Alexandrino Barreto Neto<sup>31</sup> na crônica “Detalhes”, publicada no livro “Esquinas de minha ilha”. O livro apresenta diversos contos sobre as turmas florianopolitanas que se encontravam nas esquinas da cidade. Os textos relatam acontecimentos da turma do autor e o conto citado apresenta Seu Getúlio. Em uma ilha em que nada passava despercebido, ele logo foi descoberto por cometer uma indelicadeza na Sessão das Moças.

Um dia foi acusado de ter “flatulentado” durante a Seção [sic] das moças no Ritz, justamente quando o Arturo de Córdoba, ia beijar a Liberta Lamarque, num daqueles filmes da Pelmax que os Daux colocavam para as “moças” assistirem nas terças-feiras. Aliás, de moças não tinha nada, pois que eu me lembro, a mais novinha era a dona Ester, minha vizinha, que já beirava os sessentinha. Mas deixa pra lá...<sup>32</sup>

Para o autor, a sessão era frequentada por mulheres mais velhas, não as qualificando, assim, como moças. A sessão parece ser só um momento em que filmes eram projetados pelos proprietários para mulheres e que nada demais acontecia. Ainda assim apresenta Seu Getúlio, ou seja, a presença masculina. Nas crônicas de Flávio José Cardozo, Sérgio da Costa Ramos e o poema de Sebastião Ramos, a presença masculina é percebida pela própria posição ocupada pelos autores, que se apresentam como frequentadores e escrevem literatura a partir de experiências pessoais. Nostálgicos, poéticos, saudosos, os autores se colocam como parte da rede de sociabilidades criadas pela sessão. Práticas sociais aconteciam nas mais diversas

---

<sup>31</sup> Em seu blog, o autor se define como um antigo funcionário dos Correios, jogador de Futebol, basquete, dirigente, fundador da Orchestra Philarmônica, Senador do Ponto Chic, membro da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos, cozinheiro, artista plástico, radialista, noticiarista de tv, comentarista esportivo, entrevistador, administrador de Empresas, alto funcionário da E.C.T, aposentado, escritor e pesquisador. BARRETO NETO, Alexandrino. Disponível em: <<http://www.blogger.com/profile/07686909837368768782>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

<sup>32</sup> BARRETO NETO, Alexandrino. Detalhes. In: \_\_\_\_\_. *Esquinas da minha ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 2001, p. 115.

sessões, mas as crônicas levam a pensar em redes de sociabilidades românticas. Namoros, flertes, encontros. Apesar da sessão já indicar um protocolo de frequência e um endereçamento às mulheres, os dois gêneros ali se encontravam.

Nessas narrativas é muito comum encontrar listas sobre a cidade, como a citada no início do artigo. Raul Caldas Filho apresenta ainda outras, sobre as décadas de 50 e 60, todas publicadas em 1973. No entanto, a Sessão das Moças, citada por duas vezes na crônica sobre a década de 40, não aparece nas demais.

Alexandrino Barreto Neto também tem a sua lista. Sem organização por data, a lista presente em “Esquinas de minha ilha” tem a função de elencar elementos da cidade, como...

[...] Campo do Manejo, Festival, abrigo de menores, liguinha, liga média e campo grande do Catarinense, Fac, Jogo de calha, malhão, pandorga, taco, pau no ombro meia reta, bolinha de vidro no risco, [...] praia clube, meio, bom abrigo, saudade, seriados no Rox [sic], Gibis, seção da moça [sic] no Ritz, odeon, Imperial, São José, missa das sete, [...] Hi-Fi, Paga um Cuba bem, Lídio, Fuzarca, Fornalha, margarida, Benjamim, Ponte Hercílio Luz... opa esta ainda está aí. Se não manjas nada “disso”, então “pó de giz”, porque não vou nem chourrips, te arrombei-te todo [...].<sup>33</sup>

Já Sebastião Ramos dá a entender que aborda coisas que não existem mais no próprio título de seu livro “No tempo do Miramar”. Fazendo referência ao antigo trapiche que foi derrubado no começo dos anos 1970 para dar lugar ao Aterro da Baía Sul, o autor elenca por meio de seus poemas esses espaços e tradições por ele considerados característicos da cidade. Os capítulos do livro denunciam os temas: Miramar, Cinemas, Clubes, Casas, Lugares, Vento Sul, Estudos e Figuras. Além dos cinemas e da Sessão das Moças, são citados nos diversos poemas a Chácara da Espanha, a pensão da Conselheiro Mafra, Bebidas Marte, o bairro de Coqueiros, os hábitos do Carnaval antigo, a Escola Modelo Dias Velho e o Colégio Catarinense.

A leitura das crônicas me levou a pensar na construção por parte desses textos literários da Sessão das Moças como mais uma atividade ou um espaço necessário de constar na memória da cidade. Todos os autores refletem sobre o ser florianopolitano, ou melhor, sobre o ser mané ou ser ilhéu. Se ser ilhéu é de difícil conceituação, pois ele viveria em constante mudança devido à inconstância dos ventos<sup>34</sup>, como diria Flávio José Cardozo, a construção do mané passaria pela memória, ou melhor, pela manutenção dos lugares de memória.

---

<sup>33</sup> BARRETO NETO, op. cit., 2001, p. 141-142.

<sup>34</sup> CARDOZO, op. cit., 1991, p. 95.

Dessa forma, a Sessão das Moças foi elevada àquilo que merece manutenção na memória da cidade ou entre os elementos que um ilhéu de verdade precisa saber. Ou como apresentariam os cronistas da cidade, estaria ao lado dos casarões, das praças, do vento Sul, da banana recheada, do vendedor de alho, das tradicionais escolas, do Miramar, da Catedral, do Mercado Público, da Ponte Hercílio Luz, do banho de mar na Praia da Saudade...

## Referências

### Bibliografias e Fontes

- BARRETO NETO, Alexandrino. Disponível em: <<http://www.blogger.com/profile/07686909837368768782>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- \_\_\_\_\_. *Esquinas da minha ilha*. Florianópolis: Lunardelli, 2001.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin: Sociologia*. Rio de Janeiro: Ática, 1985.
- CALDAS FILHO, Raul. *Delirante Desterro*. Florianópolis: UFSC, 1980.
- CARDOZO, Flávio José. *Senhora do meu Desterro*. Florianópolis: Lunardelli/Fundação Franklin Cascaes, 1991.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. As Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LINS, Hoyedo de Gouvêa. *Janela do tempo*. Florianópolis: Lunardelli, 1993.
- PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAMOS, Sebastião. *No tempo do Miramar*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993.
- RAMOS, Sérgio da Costa. Em Duplas. *Diário Catarinense*. Caderno Variedades, Florianópolis, p. 4, 24 maio 2003.
- \_\_\_\_\_. *Piloto de bernunça*. Florianópolis: Bernúncia/Academia Catarinense de Letras, 2009.
- RITZ. Inauguração Hoje. *A Gazeta*, Florianópolis, 14 abr. 1943, p. 3, n. 2742.
- SESSÃO das Moças. *A Gazeta*, Florianópolis, p. 3, 27 abr. 1945.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- SOARES, Maura. *Matou o amante e foi ao cinema*. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/contosfantasticos10.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2008.
- SORLIN, Pierre. *Mass Media*. Oeiras: Celta, 1997.
- UM DEDO DE PROSA. Disponível em: <<http://www.umdodedeprosa.cce.ufsc.br/paginas/autor.php?id=29#>>. Acesso em: 01 out. 2010.